



A MEMÓRIA E A EXISTÊNCIA DO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto – kiokoelza@gmail.com
Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2;
<http://orcid.org/0000-0002-0987-8448>

Hildo Honório do Couto – hildo75@outlook.com
Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-7398-0439>

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar a importância da memória para a existência do ecossistema linguístico, que pode também ser olhado como comunidade (de língua e de fala). A questão da memória é um componente importante na antropologia do imaginário; o ecossistema linguístico é um componente central na ecolinguística. Dando como exemplos o uso de apelidos bem como uma pequena narrativa, em pequenas comunidades do interior, o artigo mostra que alguns componentes da memória podem desaparecer, mas a comunidade como um todo permanece, apenas alterada, o que mostra que a língua está sempre em evolução.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; ecossistema linguístico; evolução; ecolinguística.

1 INTRODUÇÃO

Nosso objetivo neste artigo é chamar a atenção para o fato de a existência e persistência de um ecossistema linguístico depender da memória da totalidade dos indivíduos que o constituem. Isso significa que depende também da memória de cada um deles. Afinal, se partirmos da totalidade de indivíduos e a formos dividindo em segmentos, chegaremos a um ponto em que não será mais possível dividir, momento em que chegaremos ao “indivíduo” que, etimologicamente significa “aquele que não pode ser dividido”. Isso equivale a dizer que o que vale para o indivíduo vale também para a totalidade (comunidade) de que ele faz parte, e vice-versa.

Ao falar em ecossistema linguístico já estamos sugerindo uma abordagem ecológica, no caso, a da Ecolinguística. Mais especificamente, utilizaremos o seu ramo brasileiro chamado Linguística Ecolinguística. Ela vê a língua a partir de três ecossistemas, quais sejam, o ecossistema natural, o mental e o social, todos eles fazendo parte do ecossistema integral da língua. Isso já está relativamente muito bem e explanado na literatura pertinente, como se pode ver em Couto (2015), de modo que não é necessário entrar em pormenores, expondo todos eles em suas minúcias.

Os indivíduos da população (P) podem ser vistos como membros do ecossistema natural da língua (P₁), como individualidades psíquicas, com seus cérebros/mentes, no ecossistema mental (P₂) (Järvilehto 1998, Kravchenko 2009, Cowley 2014) ou como seres sociais (P₃), no ecossistema social da

língua. Neste artigo, a ênfase será posta no ecossistema mental da língua, porém, sempre ressaltando que ele está inextricavelmente ligado ao natural e ao social. Para mais detalhes sobre os ecossistemas linguísticos, pode-se recorrer ao artigo mencionado acima, além de outros como os textos contidos nas coletâneas Couto; Albuquerque (2015) e Couto; Dourado; Silva; Avelar Filho (2017).

Comprovamos nossa tese sobretudo com o uso de apelidos e com uma narrativa de uma pequena comunidade do interior do Brasil. Trata-se do povoado conhecido atualmente como Major Porto, mas que até a década de sessenta do século passado era chamado de Capelinha do Chumbo, sobre cuja linguagem já há alguma coisa, como Couto/Hildo (2018) e Couto/Elza (2018). O primeiro é uma apresentação geral da comunidade e de sua linguagem, sem preocupações com teorias. O segundo já é uma abordagem técnica, usando a teoria e a metodologia da Linguística Ecológica, à Fonologia, à Sintaxe e à Léxico-Semântica. A principal diferença entre esta e as demais abordagens é que ela vê a linguagem de Major Porto pelo que ela efetivamente tem, não pelo que a linguagem urbana e estatal têm e ela não, que é a visão da Sociolinguística Variacionista. Esse artigo contém também um breve resumo da Linguística Ecológica. Passemos à comunidade de fala Major Porto.

2 A COMUNIDADE DE FALA MAJOR PORTO

Antes de mais nada, vejamos rapidamente o que vem a ser comunidade de fala por oposição à comunidade de língua. Comunidade de língua é o domínio daquilo que o leigo chama de língua. Assim, a comunidade de língua alemã compreende Alemanha, Áustria e parte da Suíça. A língua alemã, como sistema, está presente em todas essas regiões, independentemente de estar sendo usada no momento ou não. Ela equivale ao bioma na Ecologia, como a tundra, a taiga, a floresta tropical, o cerrado etc. Ela está lá independentemente de um observador para delimitar seu domínio. A comunidade de fala, por seu turno, é delimitada pelo observador, exatamente como ocorre com o ecossistema biológico, logo, pode ser de tamanhos os mais variados. Pode ser a Alemanha como um todo ou a Áustria como um todo ou a parte alemã da Suíça. Pode ser também só a cidade de Berlim, só o bairro de Kreuzberg, ou só a rua chamada Friedrichstrasse, ou uma família residente nessa rua, como a família Schindler (pai, mãe, um filho, uma filha), ou até mesmo duas pessoas dessa família em interação comunicativa. O pré-requisito básico para a existência do ecossistema linguístico da perspectiva da comunidade de fala é que haja pessoas (P) em algum lugar (I) interagindo entre si de forma relativamente continuada. Tudo isso está pormenorizadamente discutido em Couto (2016). A comunidade de fala pode ser bilíngue e até multilíngue, como acontece em alguns bairros de Bruxelas. Essa conceituação de comunidade de fala está em perfeita sintonia com a definição original de ecossistema na Biologia feita pelo criador do termo (TANSLEY, 1935).

Do ponto de vista histórico, a comunidade de fala constituída pelo povoado Major Porto está situada no município de Patos de Minas (MG), onde Elza iniciou a coleta de dados para seu projeto para o CNPq e para o Pós-Doutorado na Universidade de Bolonha (Itália). Como se vê em Couto/Elza (2018, p. 82), “o povoado de Major Porto como [...] comunidade de fala [...] está situado no município de Patos de Minas, Minas Gerais. Este povoado tem aproximadamente 1.500 habitantes. A economia é eminentemente a agropecuária de subsistência. Embora já disponha de celulares, televisão e outros recursos, a vida local ainda é basicamente uma extensão da que existe na região rural circundante. A linguagem aí falada é uma variedade dos dialetos rurais brasileiros”.

Major Porto era conhecida como Capelinha do Chumbo até 30 de dezembro de 1962, momento e que a lei estadual 2.764 elevou o arraial à categoria de vila, em homenagem ao Major Augusto Porto, que não era do local. No final do século XIX era um arraial abandonado, do qual existia praticamente só a capela de Nossa Senhora da Conceição, que havia sido construída com doações de José Luiz da Motta. Tempos depois, resolveu-se erigir outro povoado, sob a liderança do Major Francisco José da Mota (conhecido como Major Mota). Ele era proprietário da fazenda Lajeado, na qual morreu em 1921. Instalou-se com a família e mais cinco outras famílias que o acompanharam. O novo povoado começou a se desenvolver por volta de 1940.

Em 7 de março de 1948, a câmara de vereadores de Patos de Minas, seguindo proposta do vereador José Porto de Moraes, propôs a criação do distrito, com suas respectivas divisas. O líder dessa elevação à categoria de distrito foi Arlindo Porto, momento em que o nome do povoado passou a ser Major Porto, por sugestão de Zama Maciel. A instalação solene do distrito se deu em 16 de agosto de 1964.

A linguagem dessa comunidade de fala começou a ser investigada em 1974 (COUTO, 2018), embora sem muito aparato teórico-metodológico. O importante é que essa primeira pesquisa registrou dados dos quais muitos já estão desaparecendo. Vejamos primeiro os apelidos. Veremos que a comunidade (e seus membros) tem uma memória que faz parte de sua história e de sua própria existência. No entanto, essa memória pode se alterar no decorrer do tempo, inclusive desaparecendo parcial ou totalmente nas gerações que vão se sucedendo. O desaparecimento de parte da memória será examinado abaixo. O desaparecimento total se deu na situação descrita em Couto (2016)

3 APELIDOS

O uso de apelidos é uma prática comum em pequenos grupos étnicos e pequenas comunidades em geral. O apelido é o nome real que se atribui às pessoas nessas comunidades. Mesmo quando se diz “o Antônio”, “o João”, “a Joana”, “a Dona Maria”, “o Silva” etc., na verdade trata-se de algo que se aproxima do processo de apelação, fato explicitado no artigo definido que precede o nome.

O uso de apelidos recua à herança lusitana da língua e cultura brasileiras. Tanto assim que em sua *Gramática metódica da língua portuguesa* (São Paulo: Saraiva, 1964, 17ª ed.), Napoleão Mendes de Almeida apresenta uma lista de apelidos para 17 nomes próprios. Muitos deles provavelmente não sejam mais usados nos dias atuais, como é o caso de *Xandu* para Alexandre, *Naná* e *Ná* para Ana, *Mingu* para Domingos, *Vanju* para Evangelista, *Beloca* para Isabel, *Janguta* para João, *Pedrota* e *Piroca* para Pedro. Em princípio os apelidos apresentados por Mendes deveriam ter validade nacional e, talvez, para toda a comunidade de língua portuguesa, uma vez que ele era bastante conservador. Para ele, o “verdadeiro” português era o de Portugal; o brasileiro era uma espécie de deformação dele.

Indo para os apelidos realmente usados, vejamos os de Major Porto que foram registrados em 1974. Na época, foi dito o seguinte sobre eles (Couto, 2018, seção 2.1.1):

Em Capelinha do Chumbo, as pessoas não são chamadas, de um modo geral, pelo nome “de registro”. Todos são chamados ou por apelidos ou por meio de hipocorísticos ou ainda por adulteração (melhor seria dizer “adaptação”) fonética ou morfológica de seu nome de batismo (ou “de registro”).

A seguir, pode-se ver a lista dos apelidos pertencentes a cada uma dessas categorias, ou seja, “apelidos propriamente ditos”, “hipocorísticos” e “nomes adulterados”. Os apelidos propriamente ditos registrados nessa pesquisa são os seguintes:

Barra, Futrica, Rengo, Tatu, Chiquéte, Bolô, Goró, Baio, Cachimba, Ferro Veio, Ferruja, Firrim, Churim, Chipe, Bissudo, Broa, Tampinha, Piula, Peia, Fengo, Matutinha, Béba, Pão, Djem (o *m* é mesmo bilabial [djem]), Pistrunca (ou Pristunca), Martelo, Canga, Daca, Gim, Galo, Chigura, Tuquinha (Toquinha), Tuca, Tonga, Santo, Gambá, Morô, Dô-Dô, Bosta-Seca, Parafuso, Górdá, Patarata, Bonzóia, Tiuca ([tchuka]), Mas-Grande, Chata, Sinhô, Ninim Pul’-i-Fica.

Vejamos os hipocorísticos, ou seja, aqueles “apelidos” que foram tirados do nome próprio da pessoa, por processos bastante conhecidos:

Fio, Né, Zé, Neném, Tião, Tõe, Quitito, Juca, Crade, Barba, Nadim, Quinca, Có ou Cozinho.

Os nomes próprios “adulterados” registrados naquela época foram os seguintes:

Tõe-Me-Live, Zé Nosso, Juca Boa, Zé Misquinha, Zé Duro, Zé Broca, Pedo da Máquina, Zé Caganera, Gerardo Pilutinha, Tião Lobo, Juão Fará, Zé Prego, Gerardo Penerero, Joaquim Foiero. Zé do Juca, Maria do Agripa, Darva do Zé, Delci do Béba, Neném do Chiquéte, Rosa do Juca Boa, Maria do Sinéso, Maria do Pedo Zangão, Neném da Marieta, Vicente da Bina, Fio Mélia (= da Amélia), Nega do Géro, Nega do

Chiquete, Maria do Fidirico, Maria do Mané Preto, Zé do Olinto, Zé da Olinta, Arlindo do João Lazo, Nego da Chiquinha, Zé Artino (< “Zé do Artino”, isto é, “Altino”), Neném do Nico.

É importante ressaltar que mesmo resultando de processos diferentes, todos eles são algum tipo de apelido, que é o nome real que a pessoa tem na comunidade de fala, frequentemente com ignorância total do nome que está registrado em cartório. Porém, menos de 10% das pessoas apelidadas daquela época sobrevivem na atualidade (2020). Com isso, seus apelidos só subsistem na memória dos parentes que sobrevivem e entre os mais velhos em geral. Nos jovens, não há mais nenhuma memória dos apelidos de então.

Essa dinâmica no processo de apelação é recorrente. Parece que cada geração tem necessidade de nomear as pessoas do grupo de que faz parte. Tanto assim que alguns apelidos usados até a década anterior à da pesquisa (1964) já estavam desaparecendo em 1974. Por exemplo, a pessoa anteriormente apelidada de *Churim* (Chorinho), na infância e adolescência, em 1974 já era o *Zé Professor*, devido à profissão que passou a exercer com muita aceitação pela comunidade. Como ele se mudou para o interior de Goiás nos anos 80, passou a ser o José Gonçalves Arcanjo, seu nome de registro.

Há outros casos de pessoas que saíram da comunidade. Uma delas é o *Belmiro*, que tinha o apelido de *Pedro Gomes*, por ser “parecido” com o verdadeiro Pedro Gomes, o homem “mais feio” da localidade. Ao se mudar para Brasília, passou a ser o *Belmiro* de novo. O *Jorge da Fia* voltou a ser simplesmente o Jorge ao se mudar para Patos de Minas. A *Crade*, que morava “na roça”, próximo ao Vau da Loca, passou a ser a *Cláudia*, seu nome “de registro”, ao se mudar para a “zona urbana” (+1.500 habitantes) de Capelinha do Chumbo (Major Porto). Este último exemplo se deve, provavelmente, à influência da linguagem da cidade, como a da sede do município (Patos de Minas), mas também da escola, do rádio, da televisão e, atualmente, do celular, aí incluso o WhatsApp.

O processo de apelação recua a séculos, certamente ao começo da língua portuguesa na Lusitânia, como já foi apontado acima. Porém, mesmo no Brasil, até o século XVIII a influência do português da metrópole ainda era muito forte, pelo menos nos meios urbanos. No domínio da antiga língua geral paulista, que existiu até meados desse século, havia apelidos como os que se veem logo abaixo (à esquerda vem o apelido grifado; à direita, o nome “de registro”, “oficial”), Todos eles são de base tupi (língua geral), exceto o último, que é misto (*casaco* + *uçũ* ‘grande’).

- Botuca*: Domingos Leme da Silva
- Apuçá*: Francisco Dias da Siqueira
- Jaguaretê*: Gaspar Vaz da Cunha
- Tamarutaca*: Francisco Ramalho
- Sarutaiá*: Salvador de Oliveira Leme

-*Casacuçu* (casaco grande): António da Silva Caldeira Pimentel (que era governador) (RODRIGUES, 1986).

Na comunidade de fala de então, o nome real das pessoas era do tipo dos da coluna à esquerda. Frequentemente não se tinha a menor ideia do nome “oficial”, exatamente como ainda se vê em pequenas comunidades de fala do interior do Brasil, como a de Major Porto. Uma prova de que cada geração de uma comunidade de fala tem necessidade de nomear seus membros, nenhum desses apelidos existia mais no início do século XX. Na descrição da linguagem da região feira por Amaral (1920) – a pesquisa de Amadeu Amaral certamente foi feita em data muito anterior a esta –, já não há registro de nenhum deles.

Os apelidos existem predominantemente na comunidade de fala, não na comunidade de língua. Com efeito, eles são nomes concretos, usados no dia a dia dos membros da comunidade. Na comunidade de língua, geralmente se fala em termos de nomes próprios, aqueles que estão registrados em cartório, embora, é claro, não se possa traçar uma distinção rígida entre as duas. Tanto que há comunidades de fala que praticamente coincidem com a comunidade de língua, como a dos iaulapitis, no Parque Indígena do Xingu. Mesmo em comunidades de língua muito grandes como a do português, há apelidos de conhecimento geral, como *Pelé*, para Edson Arantes do Nascimento. Nas pequenas comunidades de fala, os apelidos são parte de sua identidade.

4 AS NARRATIVAS E A MEMÓRIA

A existência e persistência da memória individual e coletiva se manifestam em todos os níveis e setores da linguagem. Vejamos sua manifestação em uma narrativa feita por um senhor que, em 1974, estava com 70 anos:

=> O PIDÃO, O LADRÃO E O ASSASSINO
(narrada por Amadeu Cassiano, o Ferro Veio)

Um homem (H) recebeu a visita de um estranho (F), que disse pa ele:

- F: *Océ tem três fio. Todo os três com a sorte muito rúim.*

- H: *Mais, por que que o sinbor sabe que a sorte dees é rúim?*

- F: *Uai, porque um vai sé pidão, o oto vai sé ladrão e o oto vai sé assassino.*

O home ficou muito dimirado e disse:

- H: *Isso num é possive, num pode sé! Mens fio é tudo ativo, vô estudá es tudo.*

E garrô estudô os menino tudo, gastô quase tudo que tinha pa estudá os menino. Um formô pa padri, oto pa divogado e oto pa dotor. I formô tudo.

Passado uns vinte e tantos anu, já tava tudo home, habilitado, cada um nos seus ofiço. Chegô o estranho lá travez:

F: *Cum é que é?*

Como se vê, a figura do médico foi representada como "assassino", ao lado do padre como "pidão" e do advogado como "ladrão". O motivo para a primeira metáfora é que uns 20 anos antes tinha estado lá um médico "prático" que, segundo se dizia, fazia cirurgias sem anestesia, a frio, com o que muitos pacientes seus teriam morrido. Isso pode até não ser inteiramente verdadeiro, mas é o que estava na memória das pessoas. Hoje (2020), no entanto, ninguém se lembra mais do fato narrado pelo Ferro Veio. Portanto, provavelmente "médico" não seja mais associado a "assassino", mas, talvez, àquele que cura as pessoas (infelizmente, não tivemos oportunidade de checar isto). A memória do "médico que mata" desapareceu. Hoje, ele provavelmente seria tido como "médico que cura".

De uma comunidade de fala bem próxima a Major Porto, descrita em Couto (2016), não existem mais nem as pessoas (P) nem sua linguagem específica (L). Não existe mais nem o território (T) como tal, pois, como disse Järvillehto (1998: 321), "o organismo não existe sem o meio ambiente e o meio ambiente tem suas propriedades somente se associado ao organismo". No caso, "organismo=P" e "meio ambiente=T". Em linguagem linguístico-ecossistêmica, P não existe sem T e T só tem suas propriedades se associado a P. O que os une é L.

É claro que o trato de terra que fora o território daquela comunidade ainda está lá. Mas, mesmo assim incompleto, pois a vegetação já não é a mesma, os micro-organismos não são os mesmos, muitos dos animais silvestres que lá existiam desapareceram, as cercas que dividiam fazendas são outras, localizadas em outros lugares. Talvez até o cheiro do ar tenha mudado devido às queimadas, ao uso de pesticida e de adubos químicos. O angical, os dois jequitibás e a *arvinha* em frente da casa desapareceram etc. O próprio terreno físico, que era pasto para o gado na época da comunidade de fala acima mencionada, agora tem plantação de milho cultivado usando a "tecnologia" moderna etc. O desaparecimento dessa comunidade de fala com a saída das pessoas e sua linguagem é prova cabal de que, no ecossistema linguístico, P forma um todo com T, com a liga de L, e que que L só existe enquanto houver o P no seu T. Os apelidos vão junto com essa linguagem em geral. Para a questão da memória nos meninos de rua de São Paulo, ver Murata (1999, 2004, 2005).

5 MEMÓRIA E ECOSSISTEMA MENTAL DA LÍNGUA

A memória é algo inteiramente mental, tanto no indivíduo quanto na comunidade. Ela tem sido estudada por filósofos, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros. Começemos pela definição de dicionário. O *Aurélio* diz que ela é a "Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente". Trata-se de uma definição parcial, pois, a simples faculdade de reter ideias não inclui o ato de retê-las. Uma coisa é a potência; outra, o ato. O dicionário americano *Webster's Encyclopedic unabridged dictionary* apresenta uma caracterização melhor. Para ele, memória é "a capacidade ou faculdade mental de

lembrar ou reviver impressões ou de trazer à menta ou reconhecer experiências prévias”. Um pouco mais abaixo, ele acrescenta que se trata do “ato ou fato de reter impressões mentais”, com o que complementa a potência (faculdade) com o ato (no sentido filosófico) de reter lembranças. Por fim, ele diz que se trata do “lapso de tempo durante o qual a lembrança se estende”.

Entre os autores das áreas supracitadas, Halbwachs (2006) enfatiza a distinção entre memória individual e memória coletiva; Le Goff (2014) fala em memória étnica, partindo da pré-história, passando pela antiguidade greco-romana; Bergson (1999) lembra o papel do corpo e do cérebro, falando em “memória representação” e “memória hábito”; Ricoeur (2007) acrescenta o contrário da memória, o esquecimento.

Tanto o dicionário quanto esses autores levantam ideias importantes para o estudo da memória. Veremos que a distinção entre memória coletiva e memória individual é muito importante. Veremos também que memória exige uma sede, ou seja, o cérebro. Como salientado por Bergson, a memória exige um cérebro; o cérebro (junto com a mente) exige um corpo (pessoa). Desaparecendo a pessoa, desaparece o cérebro e a mente, o que implica o desaparecimento da memória. Como a coletividade é constituída de pessoas (indivíduos), se elas desaparecerem desaparece também a coletividade, a comunidade, a sociedade. Isso mostra a importância da mente, e do ecossistema mental, para a existência da comunidade na história.

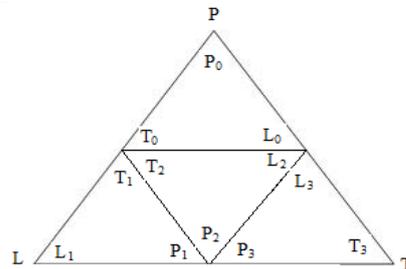
Diante do que acaba de ser dito, nada mais natural do que partir do ecossistema mental da língua, constituído de língua como as interações neurais (L_2), que se dão entre os neurônios (dendritos, axônios e sinapses), representados P_2 , tudo isso se passando no cérebro, o *locus* das interações neurais (T_2). Dito de outro modo, no ecossistema mental da língua, a memória de tudo isso está centralizada na mente (P_2), que se localiza no cérebro (T_2) mas se estende por todo o sistema nervoso periférico e até o meio envolvente.

Como no nó de Borromeu, trata-se de um todo cujas partes estão inextricavelmente interligadas. Se tirarmos qualquer uma delas o todo desmorona (SCHMALTZ NETO 2019, p. 123), como prova a comunidade supra. Não há mais nenhuma memória dessa comunidade, exceto em algumas pessoas acima de 80 anos. Nós, humanos, somos hóspedes temporários desse planeta, que Gagarin em 1961 viu que era azul, mas nós estamos transformando em planeta cinza. Os ecossistemas linguísticos existem enquanto as pessoas (p_x) de P tiverem memória de fatos compartilhados. Desaparecendo essa memória, desaparece a comunidade, o ecossistema (tanto como comunidade de língua quanto como comunidade de fala). Como a sucessão ecológica das comunidades biológicas, tampouco as comunidades linguísticas são estáticas. Elas têm uma história, dependente da memória coletiva e da individual. As novas gerações vão perdendo a memória de fatos que frequentemente sobrevivem apenas nos idosos.

O papel central do ecossistema mental, frente ao natural e ao social, em todo o processo pode

ser visualizado na figura 1.

Figura 1 – O lugar do mental frente ao natural e ao social

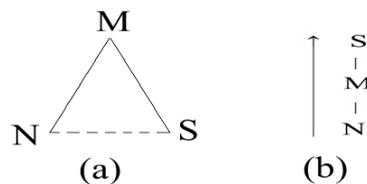


Fonte: elaborado pelos autores

O todo é o ecossistema integral da língua. À esquerda, na base, temos o ecossistema natural da língua, constituído de L_1 , P_1 e T_1 . À direita, encontra-se o ecossistema social da língua, formado por L_3 , P_3 e T_3 . No centro, com a base para cima, está o triângulo do ecossistema mental da língua (L_2 , P_2 , T_2). Deixando de lado por ora o triângulo $L_0P_0T_0$, nota-se que não há ligação direta entre o social e o natural. Toda relação entre eles é mediada pelo mental.

Há outras maneiras de visualizar as interações entre natural, mental e social. A figura 2(a) abaixo deixa isso bem claro, se lançarmos mão do sigo de Peirce, como interpretado por Ogden e Richards no famoso livro *O significado de significado*. A linha segmentada entre N (natural) e S (social) representa o fato de que a relação entre eles só se dá mediante M (mental), que é o vértice, onde ambos se encontram. A figura 2(b) mostra as interações de modo mais direto: o social (S) só existe sobre o mental (M) que só existe sobre o natural (N). Isso significa que desaparecendo o mental, desaparece o social; desaparecendo o natural, desaparece o mental e, com ele, o social. Vê-se ainda que tudo que é social só o é por ser, antes, mental. Há fatos mentais sem os sociais, mas jamais haverá fatos sociais sem os mentais.

Figura 2



Fonte: elaborado pelos autores

Um terceiro modo de mostrar como se dão as interações entre o social e o natural é mediante a figura do cavaleiro que, por sinal, é dos arredores de Major Porto. Se associarmos o pé esquerdo ao natural, ele seria a base para o cavaleiro se lançar sobre o cavalo e assentar o outro pé no estribo direito. Assim, teríamos pé esquerdo □ natural, pé direito □ social. O mental seria o corpo do cavaleiro, que

integra pé esquerdo e pé direito no todo desse corpo.

Figura 3 – O cavaleiro



Fonte: acervo pessoal dos autores

A conclusão inevitável é a de que, de qualquer perspectiva que olhemos para o mental, ele está entre o natural e o social. Ele é a alma da comunidade de fala. Ela é constituída de indivíduos, nos quais está o cérebro que hospeda a mente.

Creemos que essas figuras visualizam de modo convincente o fato de as comunidades (comunidade de língua, comunidade de fala) só existirem enquanto seus componentes se mantiverem na mente de seus membros. Não basta a base física do solo nem um conjunto heteróclito de indivíduos sem vínculo uns com os outros. Um existe em função do outro, unidos pela argamassa de L. O linguista americano Daniel Everett, disse que “Se não há memória, não há linguagem. Se não há memória, não há cultura” (EVERETT. 2019, p. 210).

É na mente (P₂), cujo *locus* é o cérebro (T₂) de em cada um dos e de todos os indivíduos, que está armazenada a história das comunidades, sobretudo as ágrafas. Le Goff (2014: 394-404) salienta a importância da escrita na manutenção da memória das comunidades. No entanto, a memória prototípica não é a que está em papel ou em outros artefatos. Tanto assim que Hampaté Bâ, sábio do Mali, disse que quando morre um velho na África é como uma biblioteca que se incendeia. É bem verdade que nas comunidades letradas, pelo menos parte da memória pode ficar armazenada em bibliotecas. No entanto, não é uma memória viva, como a que existe na mente dos indivíduos que fazem parte de uma comunidade de fala.

6 OBSERVAÇÕES FINAIS

Como salientaram Ratzel (1923) e Semple (1941), só há pessoas se houver um lugar em que possam estar. Só há comunidade (sociedade) se essas pessoas conviverem por um certo tempo nesse lugar. A convivência em determinado lugar só dará lugar à comunidade se cada indivíduo do agrupamento e, no final, todos eles, mantiver(em) uma memória dos fatos de interesse comum e/ou que sejam símbolos dos acontecimentos locais.

A inexistência, ou o desaparecimento, da memória sobre esses fatos comunitários leva à inexistência ou ao desaparecimento da comunidade, como comunidade de fala, vale dizer, como ecossistema linguístico. As duas coisas aconteceram na comunidade de fala descrita e analisada por Couto (2016). Mas, se o que desaparece da memória for apenas uma pequena parte do acervo linguístico-cultural da comunidade, como é o caso do “médico assassino” e de alguns apelidos em Major Porto, o que acontece é a evolução normal da comunidade. Nesse processo, algumas características podem não ser transmitidas. Como vimos, cada geração tem suas necessidades práticas e comunicativas. O importante é que pelo menos o essencial da memória coletiva seja transmitido de geração em geração. Isso não é nada mais do que adaptação da linguagem local às novas circunstâncias. Adaptar-se é evoluir e evoluir é adaptar-se. Isso se aplica também à memória.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. 1982. *O dialeto caipira*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 1920.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fonte, 1999.
- COUTO, Elza. Abordagem linguístico-ecossistêmica da linguagem rural: uma primeira aproximação. *Revista de Letras* v. 37, n. 2, 2018, p. 79-88.
- COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *Linguística ecossistêmica & Análise do discurso ecológica (ADE)*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- COUTO, Elza; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson; AVELAR FILHO (orgs.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2017.
- COUTO, Hildo Honório do. 2015. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81.
- COUTO, Hildo Honório do. Comunidade de fala revisitada. *ECO-REBEL* v. 2, n. 2, p. 49-72, 2016
- COUTO, Hildo Honório do. Notas sobre o conceito de texto em linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 3, n. 2, p. 22-36, 2017.
- COUTO, Hildo Honório do. O falar capelinhense: Uma visão sociolinguística (original de 1974). 2018.

- COWLEY, Stephen J. 2014. Bio-ecology and language: a necessary unity. *Language sciences*, v. 14, p. 60-70.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- JÄRVILEHTO, Timo. 1998. The theory of the organism-environment system: I. Description of the theory. *Integrative Physiological and Behavioral Science* 1998, v. 33, n.4, p. 321-334.
- KRAVCHENKO, Alexander V. 2009. Language and Mind: A Biocognitive View. In: H. GÖTZSCHE (ed.), *Memory, Mind and Language*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009. 103-124.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.
- MURATA, Elza K. N. N. *A narratividade e o imaginário dos meninos de rua*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1999.
- MURATA, Elza K. N. N. *Em busca da casa perdida: Análise do discurso e imaginário de menina de rua*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 2004.
- MURATA, Elza K. N. N. *Em busca da casa perdida: As vozes e imaginário de meninos de rua*. São Paulo: Annablume, 2005 (nova versão de Murata, 2004).
- RATZEL, Friedrich. *Politische Geographie*. Munique: Oldendurg, 1923 (original de 1897).
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- SCHMALTZ NETO, Genis F. 2019. Para compreender o meio ambiente mental: anotações de um ecolinguista sobre o cérebro. *ECO-REBEL* v. 5, n. 1, 2019. p. 113-126.
- SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment*. N. York: Henry Rolt & Company, 1941 (original de 1911).
- TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* 16,3, 1935, p. 284-307.

Title

Memory and the existence of the linguistic ecosystem.

Abstract

The objective of this article is to show the importance of memory for the existence of the linguistic ecosystem, which may be looked at from the perspective of community (language community, speech community). Memory is an important feature of anthropology of the imaginary (*imaginaire*, in French); linguistic ecosystem is a central component of ecolinguistics. With examples of nickname use as well as of a short narrative in small communities of the country's hinterland the article shows that some components of the community's memory may disappear but the community as a whole remains. This shows that community and language are always changing.

Keywords

Memory; linguistic ecosystem; Evolution; ecolinguistics.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 31/03/2020.